

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHRIS MARKER - A MEMÓRIA DAS IMAGENS
5 de Novembro de 2024

OLYMPIA 52 / 1952

Um filme de Chris Marker

Realização e Texto: Chris Marker / Direcção de Fotografia: Chris Marker, Joffre Dumazedier, R. Cartier, J. Sabatier.

Produção: Peuple et Culture – Ministério da Educação de França / Cópia digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 82 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Oficialmente, a filmografia de Chris Marker começa em 1953 com **Les Statues Meurent Aussi**, feito em parceria com Alain Resnais. “Oficialmente”, neste caso, significa: para o próprio Marker. O autor passou décadas a “esconder” este **Olympia 52**, não fazendo nada pela sua divulgação ou recuperação, e apagando-o mesmo da sua biografia profissional. Considerava este filme um mero “brouillon de jeunesse”, um “borrão de juventude”, feito em circunstâncias bastante especiais e associativas, e de que rejeitava até a ideia de ser o “autor”. Se ainda fosse vivo, provavelmente iria opor-se à sua projecção, para mais num contexto de retrospectiva da sua obra.

E, de facto, depois de décadas de invisibilidade total ou parcial, só depois da morte de Marker (em 2012) é que **Olympia 52** foi recuperado. O responsável por isso foi Julien Faraut, que além de ser um grande cineasta do desporto, ou mais especificamente do desporto filmado (como sabe quem viu **L’Empire de la Perfection**, sobre John McEnroe no Roland Garros 84, o único filme de Faraut comercialmente estreado em Portugal), é também, e as duas actividades estão intrinsecamente ligadas, o director dos arquivos filmicos do Instituto Francês do Desporto. No decurso das suas viagens à procura de documentos filmados da história do desporto em França, Faraut cruzou-se com uma cópia de época, intacta, de **Olympia 52**. Recuperou-a mas a sua ideia principal, para além naturalmente da salvaguarda do filme, nem era pôr cópias a circular, antes encontrar uma maneira de divulgar o filme sem ir contra o desejo de não-divulgação sempre cultivado por Marker. Encontrou essa maneira na forma de um filme, **Regard Neuf sur ‘Olympia 52’**, estreado em 2013, que é um brilhante exercício de historiografia e análise filmica filmadas, dando todo o contexto da produção do filme, e do lugar de Marker nessa produção, e oferecendo ao mesmo tempo um pequeno ensaio crítico sobre **Olympia 52**, de que inclui uma grande porção de imagens.

Talvez seja ainda possível mostrar esse filme no decurso deste ciclo, que vale bem a pena na companhia (e até sem ela) do filme de Marker. Nele se explica a que ponto Olympia 52 nasce muito directamente do contexto que se vivia em França, e em grande parte da Europa, nos anos a seguir à II Guerra. Havia uma associação, a Peuple et Culture, não-governamental mas trabalhando em colaboração com o Ministério da

Educação, que agia em prol de uma educação popular, e que regularmente promovia programas de intercâmbio com países estrangeiros, aquela ideia de “aproximar os povos” que durante alguns no pós-guerra significou realmente alguma coisa na Europa ainda a recuperar dos traumas e da destruição do período 1939-1945. Marker veio parar à órbita dessa associação (os pormenores também se explicam no filme de Faraut), e foi o homem em quem eles pensaram para encabeçar uma das mais audaciosas acções que a *Peuple et Culture* desenvolvera até então: mandar uma equipa de filmagens para “cobrir” os Jogos Olímpicos de 1952, em Helsínquia.

Os Jogos Olímpicos, em 1952, e como muito bem se ouve em vários pontos (sobretudo no final) do comentário off de **Olympia 52**, ainda representavam algo de significativo: um encontro entre povos, uma oportunidade de reduzir a estranheza de uns para com os outros, uma forma de promover e preservar uma ideia – “la paix” – que nesta altura era tudo menos uma abstracção mais ou menos cínica. Acrescem dois dados simbólicos: Helsínquia esteve para ser o palco dos Jogos de 1940, cancelados pela catastrófica situação mundial: e em 1952, pela primeira vez, uma delegação da URSS participava nos jogos. A Helsínquia iria portanto “todo o mundo” (ou quase: faltava a China, que ainda demoraria uns anos a comparecer a estes eventos), e este simbolismo também os tornava especiais.

Tudo isto é mais ou menos ecoado no comentário de **Olympia 52**, que tem coisas muito da sua época (fatalmente), algumas delas podendo passar hoje por desajeitadas se ligarmos mais à letra do que ao espírito, como quando o comentário parece fascinado por uma atleta negra americana a que chama repetidamente “la plus belle noire d’Amérique” ou “du monde”, como hoje ninguém diria. Mas que não haja dúvidas: de entre todos os atletas americanos que filma, aqueles de quem o filme mais se aproxima é dos atletas negros, e isso parece consentâneo com a sua estratégia de “redução da estranheza” entre povos, tal como a atenção dada aos atletas provenientes do chamado Bloco de Leste (os segmentos com o casal-estrela da Checoslováquia, Emil Zatopek e Dana Zatopková, são belíssimos, e mostram bem o tipo de acesso aos bastidores que a equipa de Marker teve, apesar de ser uma empresa não oficial, ou então justamente por não ser oficial). Curiosamente, se muitas competições desportivas são seguidas e documentadas, são esses momentos – quase um “fora de campo” dos Jogos – os que vivem hoje com mais força. E no “fora de campo” estão também os muitos segmentos com olhar em redor, para “fora do estádio” (episódios da vida finlandesa), mas também para “dentro do estádio” (a atenção dada à assistência, com inúmeros planos centrados nos rostos e nas reacções do público presente no Estádio Olímpico de Helsínquia). De certa forma, são estes momentos os que ressaltam hoje como mais “markerianos”. Esses, e aqueles que se vêem hoje como uma assinatura de Marker, involuntária mas firme: é Helsínquia 52, mas a câmara de Marker já não resiste aos gatos que andem por ali.

Luís Miguel Oliveira